

Fiesp quer um novo indexador

São Paulo — Os empresários e economistas que compõem o Conselho Superior de Economia da Fiesp chegaram ontem à conclusão de que é preciso um plano de consenso que englobe entendimento e adoção de um indexador, nem que seja temporário, para segurar a inflação. O congelamento também foi defendido, mas apenas se a inflação tornar-se galopante. Antes desse plano, que os empresários se recusam a chamar de choque, seria preciso alinhar os preços entre os vários setores.

Embora ninguém admita estar torcendo por um "pacotão", como disse terça-feira Ricardo Semler, da Semco, há sinais de estoques altos. Ontem na divulgação do indicador do nível de atividade (INA) da indústria paulista relativo a setembro, aparece uma produção 4,1% maior em relação a igual mês do ano passado e queda real de 13,1% nas vendas. Isso significa a existência de estoques de produtos acabados, mesmo com juros altos.

Congelamento

Feres Abujamra, diretor da Fiesp, falou em nome do grupo depois da reunião. Ele deixou claro que é preciso se preparar um plano. "A Fiesp não está propondo nada, apenas alguns levantaram essa hipótese, conjugada com a adoção de um indexador, que pudesse servir de ponte para se encontrar uma saída para a crise", explicou. Um novo congelamento também permeou a conversa, da qual participaram pesos-pesados como Olavo Setúbal, Abílio Diniz, Mário Amato, Walter Sacca e os ex-ministros Mailson da Nóbrega e Luiz Carlos Bresser Pereira. "Estamos preocupados com os cenários, pois o problema é de ordem política e econômica", disse Abujamra, acrescentando que recessão e juros altos não melhoram em nada a situação.

A crise de terça-feira no campo financeiro foi a tônica da reunião. Segundo as análises, este é o primeiro sintoma de uma conjuntura que pode ser levada à recessão e ao desemprego. "Por isso estamos buscando o entendimento, pois não queremos ficar esperando o que vai acontecer amanhã", afirmou Feres Abujamra. Ele se referiu à necessidade de um choque de produção, acoplado a uma reforma fiscal e tributária, redução do custo financeiro (juros) e um amplo entendimento político, "tudo em ritmo de emergência".

Choque liberal

Na reunião do Conselho Superior de Economia se comentou até o choque liberal que se cogita no Plannalto, uma espécie de liberação total de preços e alíquotas de importação. "O problema é que não há muito tempo. Veja o caso dos preços. Imagine se com juros de 40% mensais uma empresa não repassar para os preços. Sua situação ficaria complicada". Além disso, declarou Abujamra, quanto menor a produção maiores os custos fixos. "As empresas estão se enfraquecendo porque têm de financiar seus estoques", afirmou, admitindo a existência de produtos acabados em depósitos das indústrias.

O INA dessazonalizado, ou seja, com o desconto de todos os efeitos atípicos para o período, revela uma queda de 2,5% na produção durante setembro último, relativamente a agosto, e uma alta de 4,1% sobre setembro de 1990. No acumulado deste ano, há também um dado favorável, positivo 0,9% em comparação a idêntico período do ano anterior. As vendas, por sua vez, caíram 5,6% sobre agosto e 16,3% nos últimos dois meses. O desemprego em setembro subiu 6,3% em relação ao mesmo mês do ano passado, embora se tenha registrado um aumento real dos salários de 14,1% no mesmo período.